

## PhD, D, MSc ou M ? Uma questão de formação

### PhD, D, MSc or M ? A formation question

Cleize S. Cunha <sup>1</sup>  
Mauro Tavares <sup>2</sup>

#### Palavras-chaves:

Pesquisa  
Operacional

Educação de  
Pós-Graduação

#### Resumo

Este artigo destina-se a fazer alguns esclarecimentos no que se refere ao uso de algumas letras que são postadas à frente dos nomes dos autores de artigos, quando se referem aos seus títulos.

#### Abstract

*This article is intended to make some clarification regarding the use of some letters that are posted in front of the names of the authors of articles, when referring to their titles.*

#### Key words:

Operations  
Research

Education  
Graduate

Artigo  
Original

Original  
Paper

Submetido  
em: 27/11/07

Revisado  
em: 13/02/08

Aceito para  
Publicação  
em: 25/03/08

### 1. Introdução

Hoje é uma realidade a regulamentação e a implantação, além do reconhecimento, da Pós-Graduação, *Stricto Sensu*, no UniFOA. Durante o desenrolar do referido curso, especificamente na disciplina de MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA, muitos alunos perguntavam sobre os significados das letras que, geralmente, antecedem os nomes de autores quando de suas publicações: PhD, D, MD, MSc..., entre outros. Esta conversa, e algumas vezes dúvidas, se estenderam até às pré-qualificações de nossos alunos do mestrado, quando até mesmos professores discordavam do uso e até mesmo do real significado de tais letras. Mesmo buscando explicações a professores de outras Instituições de ensino de ponta, observamos que dúvidas ainda pairavam sobre nós.

Assim, longe de cumprimos a tarefa de esgotar este assunto, decidimos fazer uma

análise didática no que se refere ao significado e ao uso de tais letras.

### 2. Literatura

Segundo, ALMEIDA *et al.* (1965) é fundamental, atendendo à solicitação do Sr. Ministro e, ao que determina o Estatuto do Magistério, definir e fixar as características dos cursos de Mestrado e Doutorado. Entendemos que se trata de caracterizar estes cursos em seus aspectos fundamentais, evitando-se estabelecer padrões rígidos que viessem prejudicar a flexibilidade essencial a toda pós-graduação. Daríamos apenas as balizas mestras dentro das quais a estruturação dos cursos pode sofrer variações em função das peculiaridades de cada setor de conhecimento e da margem de iniciativa que se deve atribuir à instituição e ao próprio aluno na organização de seus estudos. Em primeiro lugar, de acordo com

<sup>1</sup> MSc - Fisioterapia - UniFOA  
cleize.tavares@snt.com.br

<sup>2</sup> PhD - Núcleo de Pesquisa - UniFOA  
mauro.tavares@foa.org.br

a doutrina exposta nesse parecer, propomos o escalonamento da pós-graduação em dois níveis: mestrado e doutorado. A alegação, tantas vezes invocada, de que esse título não faz parte de nossa tradição de ensino superior não nos parece constituir razão suficiente para ser rejeitado. A verdade é que em matéria de pós-graduação ainda estamos por criar uma tradição. E, se a pós-graduação *stricto sensu* deve ser estruturada em dois ciclos, como a experiência anglo-americana demonstra, e a própria natureza desses estudos aconselha, não vemos porque teríamos escrúpulos em adotar a designação de Mestre, ou Doutor, se, como bem acentuou o Conselheiro Rubens Maciel, não dispomos de outro nome que a substitua. Aliás, algumas de nossas instituições já vem adotando, com êxito, o título de Mestre para designar o grau acadêmico correspondente ao primeiro nível da pós-graduação *stricto sensu*. O programa de estudo deverá ser desenvolvido em duas fases. A primeira fase compreende principalmente a frequência às aulas, seminários culminando com um exame geral que verifique o aproveitamento e a capacidade do candidato. A pré-qualificação se faz necessário neste momento para que, precocemente, possa se detectar desvios no desenrolar da pesquisa. Muitas pós-graduações marcam as qualificações de seus alunos quando a dissertação, ou tese, já está se concluindo. Isso pode acarretar erros irreparáveis; a pré-qualificação em momentos iniciais da pesquisa iria evitar que erros impensados pudessem comprometer o bom andamento de uma pesquisa. No segundo período o aluno se dedicará mais à investigação de um tópico especial da matéria de opção, preparando a dissertação, ou tese, que exprimirá o resultado de suas pesquisas. Embora o mestrado e o doutorado representem um escalonamento da pós-graduação, esses cursos podem ser considerados como relativamente autônomos. Isto é, o mestrado não constitui obrigatoriamente requisito prévio para inscrição no curso de doutorado. É admissível que em certos campos do saber ou da profissão se ofereçam apenas programas de doutorado. De qualquer modo, seguindo tradição generalizada em todos os países, não se aconselharia a instituição do mestrado em Medicina, mas sim em Ciências da Saúde, pois este é mais abrangente por contemplar os diversos campos da área de saúde. Outro ponto importante

é a determinação dos tipos de doutorado, e respectiva designação, recomendando-se certa sistemática e uniformidade dos graus. É comum se distinguirem os graus acadêmicos, ou de pesquisa, e os graus profissionais.

Segundo CRUZ (2002), as letras de PhD, significam *Philosophiae Doctor*, ou seja, é conferida a todos que obtiveram Doutorado em biologia, farmacologia, fisiologia, saúde pública e coisas afins, estes têm o privilégio do prestigioso apêndice. Porém, e aqueles que obtiveram o mesmo título em áreas como Medicina, Engenharia, etc. não podem usá-las?

De acordo com CRUZ (2002),

Como a maioria dos autores brasileiros, que têm doutorado, utilizam (a meu ver corretamente) o referido apêndice quando escrevem, em inglês ou não, convém examinar como e por quê as três famosas letras foram implantadas. Essa questão foi longamente explicitada no importantíssimo parecer 977/65, do Conselho Superior de Ensino do MEC, e aprovado em 3/12/1965 cuja autoria foi de renomados autores integrantes da intelectualidade brasileira de todos os tempos: Almeida Júnior, Newton Sucupira, Clóvis Salgado, José Barreto Filho, Maurício Rocha e Silva, Dumerval Trigueiro, Alceu Amoroso Lima, Anísio Teixeira, Valnir Chagas e Rubens Maciel. Nos EUA, quando o aluno deixa a High School e ingressa no sistema universitário, ele é obrigado a cursar o College, que é a base comum de estudos de todo o espectro do conhecimento superior. Nesse nível, ele obtém o título de bacharel (BA ou BSc) sendo considerado um *under-graduate*. Se ele deseja avançar e obter graus superiores de educação ele continua a fazer estudos regulares para obter o título de *Master* (MA), ou *Master Science* (MSc), e de Doutor ou PhD, tornando-se um *graduated*. Assim vê-se que aquele que nós chamamos de pós-graduando, eles chamam de “graduando”.

Como as três letrinhas foram parar na América? Elas só obtiveram a green card em virtude da influência germânica no ensino superior americano. Com efeito, o College americano corresponde às classes superiores do denominado ginásio alemão. Na Alemanha, o nível universitário sempre foi alcançado com estudos posteriores. Como a primitiva Faculdades de Arte, tornou-se a Faculdade de

Filosofia, os alunos que ali eram graduados recebiam o título de Doutor em Filosofia, *Philosophiae Doctor* (PhD), título que passou a ser conferido em qualquer setor de ciências e das letras. Inspirando-se nessa faculdade, a Graduate School americana é o instituto que se encarrega dos cursos de pós-graduação, o lugar, por excelência, onde se faz pesquisa científica, se promove a alta cultura, se forma o scholar e se treinam os docentes dos cursos universitários (cópia *ipsis literis* do aludido parecer 977/65). O sentido moderno de PhD significa que o indivíduo teve uma formação específica de cunho científico e didático que o habilita tanto ao exercício da docência quanto ao da pesquisa. Ele foi capaz de estruturar um ou mais experimentos, obter conclusões originais e defendê-las formalmente numa tese. Em última análise, ele aprendeu o chamado método científico. Esse conjunto de características, que obviamente é impossível de ser alcançado nos cursos regulares de graduação profissionais (medicina, engenharia, direito), confere àqueles que são PhD um perfil acadêmico, fundamental para o exercício da pesquisa. A total equivalência entre PhD e Doutorado é plenamente reconhecida no documento que criou a pós-graduação brasileira, literalmente: nos Estados Unidos, conforme vimos, o doutorado de pesquisa é o PhD, ou seja, *Philosophiae Doctor*, segundo o modelo germânico e que se aplica a qualquer setor de conhecimento. Assim, temos o PhD em Física, Sociologia, Letras, Biologia, etc... ou em Filosofia propriamente dita. Vale lembrar que as três importantes letrinhas não são usadas em todos os países. Na França, há respectivamente o *Docteur em Sciences* e o *Docteur des Lettres*. Na Alemanha, há o Dr. *Philosophiae* (relativo a Faculdade de Filosofia), o Dr. *Rerum Naturalium* (ciências naturais e exatas) e o Dr. *Rerum Politicarum* (ciências sociais e econômicas), além dos diversos doutorados relativos às profissões liberais tradicionais. Esse verdadeiro imbróglio de denominações usado para substituir as três letras que nos ocupam, levou a Universidade de São Paulo a exarar uma resolução (CoPGr nº 4678/99) para orientar as Câmaras de Pós-Graduação que examinam processos de equivalência de Doutorado. Por exemplo, os títulos franceses de *Doctorat de éme cycle*, *Docteur Ingénieur* e *Doctorat d'Université* não são reconhecidos como

equivalentes ao Doutorado da Universidade de São Paulo. Idem os diplomas de *Laurea de Dottore* e *Baccalaureatum* da Itália e os de 1<sup>ERE</sup> e 2<sup>e</sup> *License* da Bélgica. Em resumo, PhD e o Doutorado brasileiro traduzem a mesma coisa, isto é, a aquisição do método científico consubstanciado pela realização de uma pesquisa, defendida formalmente como tese. Os autores brasileiros quando usam o apêndice PhD estão dizendo aos seus colegas, americanos ou não, que eles têm essa formação. A questão histórica relativa ao objeto da tese, se biologia ou óptica fisiológica, é, claramente, irrelevante. No que concerne ao Mestrado, deparam-se-nos idênticas dificuldades. Seria de todo inconveniente adotar a expressão Mestre das Artes (M. A.) uma vez que o termo Artes perdeu, entre nós, a significação primitiva de artes liberais, isto é, o conjunto das disciplinas científicas e literárias que formavam o conteúdo da Faculdade das Artes da Universidade Medieval. Justifica-se o uso da expressão nos Estados Unidos e na Inglaterra porque ainda hoje, nestes países, se conserva a denominação, de origem medieval, de Colégio das Artes Liberais e Faculdades das Artes. Para evitar maiores complicações propomos que o mestrado seja qualificado pela denominação do curso, área ou matéria correspondente, sendo em ciências: MSc.

### 3. Conclusão

Parafrazeando o Prof. Cruz (CRUZ, 2002), mais importante que questionar se oftalmologistas com Doutorado *stricto sensu* devem usar o bendito título nos seus artigos em inglês, é saber se eles realmente estão agindo como PhDs. Se eles têm como projeto de vida, a utilização do método científico para o avanço do conhecimento eles são verdadeiros PhDs. Se, ao contrário, eles passam o dia prescrevendo óculos e operando catarata, o título é uma contrafação.

Finalmente: “Em nosso entender, um programa eficiente de estudos pós-graduados é condição básica para conferir à nossa universidade caráter verdadeiramente universitário, para que deixe de ser instituição apenas formadora de profissionais e se transforme em centro criador de ciência e cultura.” (Parecer CFE nº 977/651).

#### 4. Referências

- ALMEIDA Jr, A., SUCUPIRA, N., SALGADO, C., ROCHA E SILVA, M., TRIGUEIRO, D., LIMA, A. A., TEIXEIRA, A., CHAGAS, V. E MACIEL, R. Definição dos cursos de pós-graduação - Parecer nº 977/65, C.E.Su, aprov. em 3-12-65.
- BEIGUELMAN, B. Reflexões sobre a pós-graduação brasileira. In: PALATNIK, Marcos (org.) **Pós-graduação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997, p. 33-47.
- BOMENY, H. Newton **Sucupira e os rumos da educação superior**. Brasília: Paralelo 15 e CAPES. 2001.
- CUNHA, L. A.. **A universidade reformanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1998.
- CRUZ, A. A.V. PhD ou D? Cartas ao Editor. *Arq Bras Oftalmol.* 2002; 65:495-6.
- CURY, C. R. J. Qualificação pós-graduada no exterior. In: ALMEIDA, Ana Maria F., CANÊDO, Leticia Bicalho, GARCIA, Afrânio *et al.* Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 107-143.
- CURY, C. R. J. Graduação/pós-graduação: a busca de uma relação virtuosa. *Educação e Sociedade*, Campinas, CEDES, v. 25, nº 88, especial out., 2004, p. 777-793.
- LOBO, Y. **A construção e definição de políticas de pós-graduação em educação no Brasil**: a contribuição de Anísio Teixeira e Newton Sucupira. Tese de doutorado. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1991.
- MARTINS, R. C. R. A pós-graduação no Brasil: uma análise do período 1970-90. *Educação Brasileira*, Brasília, CRUB, v. 13, nº 27, jul.-dez., 1991, p. 93-119.
- MARTINS, R. C. R. A capacitação de docentes no sistema universitário brasileiro: políticas, estratégias, problemas e resultados. *Estudos e Debates*, Brasília, CRUB, nº 19, mar., 1999, p. 83-112.
- NICOLATO, M. A. **A caminho da lei n. 5.540/68**: a participação de diferentes atores na definição da Reforma Universitária. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, v. II. 1986.
- ROCHA NETO, I. A universidade pública, a formação de quadros e o país. In: VELLOSO, Jacques (org.). **Universidade pública**: política, desempenho e perspectivas. Campinas: Papirus, 1991, p. 77-105.
- SAVIANI, D. A política educacional no Brasil. In: CÂMARA BASTOS, Maria Helena, STEPHANOU, Maria (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil** – v. III, séc. XX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 30-39.
- SUCUPIRA, N. Antecedentes e primórdios da pós-graduação. *Fórum Educacional*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, ano 4, nº 4, out.-dez., 1980, p. 3-18.

---

#### Informações bibliográficas:

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico publicado em periódico eletrônico deve ser citado da seguinte forma:

CUNHA, C. S.; SOUZA, M. C. T. PhD, D, MSc ou M? Uma questão de formação. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, ano 3, Edição Especial, maio. 2008. Disponível em: <<http://www.uni-foa.edu.br/pesquisa/caderno/especiais/pos-graduacao/01/39.pdf>>